



## **Sobre o aprender com o silêncio: as mestras e mestres da “pintura de toá” e da “construção de enchimento” das terras indígena Xakriabá**

Adriano Mattos Corrêa<sup>1</sup>  
Maria Clara Vieira da Silva<sup>2</sup>  
Thais Gontijo Braga<sup>3</sup>

### **Resumo**

A proximidade, a escuta silenciosa e o fazer comum como modos de ensinar e aprender com a Mestra D. Libertina e com as outras mestras e mestres Xakriabá. Para elas e eles o conhecimento é um saber compartilhado e coletivo. Aprende-se fazendo juntos e juntas. Cada um ensina e aprende com a prática e o fazer do outro. Não se tem um princípio de autoria, ou assinatura, individualizada do feito. A referência a quem fez é compartilhada por todos aqueles que participam e que colocam a sua própria mão no processo de construção: o fazer/aprender está aberto a todos e todas que quiserem praticar e aprender fazendo junto. Tal processo de produzir através de um fazer compartilhado não separa aquele que sabe daquele que veio ajudar e aprender fazendo. Todos e cada um têm o seu papel incorporado ao processo de produção: não existe uma hierarquia pré-definida e não há alguém que é o mestre e ensina a um outro que se submete por aprender. Também não há uma obrigação de permanência durante o processo construtivo, nem uma ordem cronológica sequenciada para a troca de um conhecimento. Cada um pode chegar e sair quando lhe aprouver. Cada um pode atuar no processo como se sentir melhor, se disposto a fazer junto ou apenas observando aquele que faz. Experimentamos tal prática de aprendizado na construção da Casa Xakriabá, na Faculdade de Educação da UFMG, e em outras tantas práticas no Território Xakriabá no Município de São João das Missões, – envolvendo estudantes da graduação e pós-graduação, de diversos cursos da UFMG, estudantes indígenas de Escolas em terras Xakriabá do Ensino Médio e estudantes Indígenas do FIEI (Formação Intercultural de Educadores Indígenas – FAE/UFMG). Mais recentemente, em 2022/23, praticamos tal modo de fazer na construção da arquitetura de acolhimento e do forno comunitário de queima de cerâmica na Aldeia Barreiro Preto, – em parceria com a D. Etelvina, Mestra da “pintura toá” e da “construção de enchimento”, e com o Mestre Nei, da cerâmica tradicional Xakriabá.

Palavras-chave: Experiências Construtivas, Xakriabá, Práticas Pedagógicas, Arquitetura de Terra.

---

<sup>1</sup> Doutor/EA-UFMG.

<sup>2</sup> Graduação/EA-UFMG

<sup>3</sup> Graduação/EA-UFMG

## 1 O povo e as terras Xakriabá

Os Xakriabá são a mais populosa etnia indígena aldeada no Estado de Minas Gerais, situados na região sudeste do Brasil. São mais de 9.000 indígenas (dados da FUNASA/Fundação Nacional da Saúde de 2010, – em 2020 estima-se quase 12 mil indígenas), habitantes de uma Reserva Territorial que se localiza no município de São João das Missões, – extremo norte do Estado, divisa com o Estado da Bahia e na proximidade do Parque Nacional do Peruaçu. Fortes resistentes ao processo de colonização, os Xakriabá conquistaram a demarcação e homologação de parte do seu território no ano de 1987. Desde então lutam por uma retomada de parte deste território, buscam restabelecer o acesso ao Rio São Francisco, ainda hoje ocupado por fazendeiros.

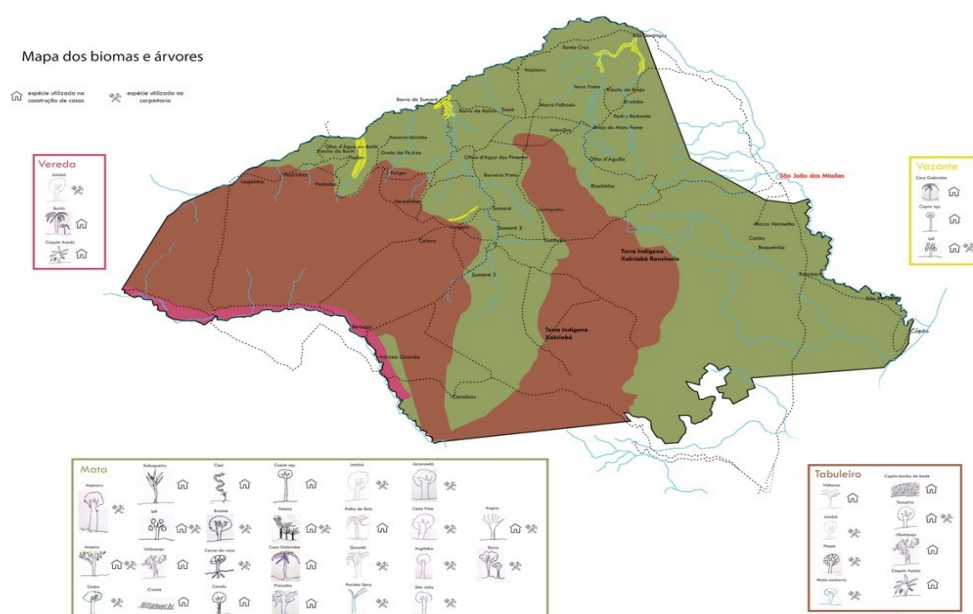


Figura 1: Mapa dos biomas e da vegetação presente no território Xakriabá  
Fonte: Programa de Extensão e Pesquisa Morar Indígena da EA/UFMG

Tal Reserva Territorial está inteiramente abarcada pelo “polígono da seca”, – região reconhecida pela legislação como sujeita à repetidas crises de prolongamento das estiagens (atualizado pela SUDENE/Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste em 2017). O bioma da Reserva é de transição entre cerrado, mata seca e caatinga. Desde o ano de 2012, as terras Xakriabá vêm sofrendo com a forte escassez de chuvas, o que

tem provocado perdas sucessivas de grande parte da produção cultivada nas lavouras, além de perdas irreparáveis na fauna e na flora nativa, afetando o equilíbrio interespécies de parte da singular diversidade típica desta micro-região. Confrontados e constringidos por tal realidade, o povo Xakriabá tem se esforçado em preservar suas práticas tradicionais, seus saberes e suas memórias acerca do território, além das trocas e de um convívio harmônico com a fauna e a flora, resistentes e originárias de uma mesma existência comum. O bioma da caatinga é único em espécies vegetais e animais adaptados a tal contexto de transição climática e, desde a colonização interior do Brasil, esta singularidade territorial vem sofrendo, além da rigorosa seca atual, com a pressão e a devastação promovida pela ação de fazendeiros, – que invadem e destroem o bioma natural substituindo a vegetação nativa por pastos para a criação extensiva de gado bovino.

A cosmogonia Xakriabá, os modos tradicionais de esse povo compartilhar e produzir sua presença no território, talvez nos anuncie outras possibilidades de existência material e outras possibilidades de relação com as outras espécies habitantes desta mesma terra comum. Os “objetos” tradicionalmente produzidos por essa etnia indígena do Brasil central, suas casas, suas ferramentas, suas lavouras cultivadas e necessárias à sobrevivência, seus utensílios domésticos, dentre outras práticas construtivas, vêm da terra e para a terra voltam. Talvez o modo de produzir dos Xakriabá nos desperte para uma relação não binária entre “pessoas” e “coisas”, entre “sujeitos” e “objetos”, entre “humano” e “não humano”, entre “mercadoria” e necessidades de “consumo”, entre “propriedade” e modos de “vida comum”, entre “corpo” e “território”, entre “permanência” e “não permanência” das coisas.

## **2 Acerca do aprender com o “silêncio” das mestras e mestres Xakriabá**

Quando se está construindo uma “casa de enchimento” ou se produzindo uma “pintura de toá” em uma parede já rebocada de terra, qualquer um pode se aproximar silenciosamente e participar do processo construtivo. É uma obra aberta ao outro e a todos que desejarem fazer parte daquele “domínio étnico” que se instala no presente do momento do construir juntos. (Suzanne Langer, em seu ensaio *Sentimento e Forma*, define Arquitetura como um “domínio étnico”, como um processo presentificado de construção contínua. Trata-se de um fazer inacabado, que só se faz como Arquitetura no instante da ocupação de um território em construção e por um grupo de pessoas

distintas, - é, habitando e construindo junto um lugar, o que se dá o sentido e uma existência significativa para determinada edificação). No caso dos Xakriabá, “domínio étnico” que se constitui por um tempo propício a uma troca e a uma associação referenciada por um objetivo comum: a construção/existência de uma “casa” como uma referência de uma cultura singular. Para Langer:

a Arquitetura trata-se de um domínio étnico tornado visível, tangível, sensível. O princípio de organização é próprio, o centro de um mundo, uma ambiência tornada visível. O domínio étnico é a pele ou carapaça de uma criatura viva, é o limite externo de um sistema vital, sua proteção contra o mundo e, ao mesmo tempo, o seu ponto de contato e interação com o mesmo (Langer 1980: 127).

No vídeo gravado com as Mestras Xakriabá D. Lurdes, D. Rosa e D. Isabel, no outono de 2018, perguntadas sobre o que é ser uma Mestra de um Saber, D. Isabel responde que todo tipo de obra e de um fazer tem um Mestre. Mestre é aquele que construiu com a prática de sua vida um conhecimento. Na fala de D. Isabel:

\_\_ Você chega, põe o olho naquele lugar onde você vai fazer o serviço, você vai colocar sua mão, e vai fazer o serviço do princípio até o teto, - ali você entregou a Obra. Ali a obra é de um trabalho que você tem..., - no caso da nossa casa, nós lá às vezes se nós quiser nós risca, se não a gente mede reto nos olhos onde é que vai ser um esteio e onde vai ser o outro, nós abre um buraco e finca, nós levanta, em cima nós já sabe onde vai a linha ocupar aquele lugar, e tudo na mão, no grosso. Nós não tem nada de tá no nível... - e ela sai certinha. Então a obra que você começa no chão e dá ela no termino com ela pronta. Aí você se torna sendo um Mestre da obra que você fez. Porque cada obra tem um conhecimento. Tem o projeto da alvenaria e tem esse nosso projeto do João de Barro. Porque nós constrói nosso projeto com o nosso próprio barro... - nós fazemos tudo com o nosso próprio barro e tiramos tudo da nossa própria terra. Então, da nossa que nós cuida, nós faz a casa, nós levanta usamos a terra do chão para fazer ela, até ela terminar e moramos dentro dela, em cima da própria terra E é desta forma que a vida vai!  
(<https://www.youtube.com/watch?v=R-gyBKrw0ps>)

E a D. Lurdes completa dizendo que:

a gente é Mestre porque a gente constrói as casas e a gente vem ensinar como é que é. A gente não vem para a gente mesmo fazer, a gente vem ensinar para aqueles participantes..., eles vêm para

participar. A gente vem de lá com aquela vontade deles aprenderem e quem sabe eles juntam tudo e constroem uma (casa) para a gente saber se eles aprenderam.

(<https://www.youtube.com/watch?v=R-gyBKrW0ps>)

A mestra ou mestre para os Xakriabá é aquela ou aquele que compartilha seu conhecimento, abrindo espaço no seu fazer e na sua prática para que o outro se aproxime silenciosamente e participe junto do processo construtivo que se dá naquele instante. Cada um aprende por si, se dispondo e desejando participar do processo que acontece como a prática de um fazer presentificado.



Figura 2: Mestra Libertina realizando pintura em “parede de enchimento”

Fonte: Programa de Extensão e Pesquisa Morar Indígena da EA/UFMG

Assim como D. Libertina é uma mestra do fazer, ela é reconhecida por seu conhecimento e habilidades técnicas relacionadas a estas práticas manuais, - e que são praticadas ainda hoje entre os Xakriabá. E também não foi necessário, até então, para a manutenção e ensinamento destes conhecimentos e destas práticas entre os Xakriabá, a produção de uma teoria acerca deste fazer. Mas talvez, a singularidade e o caráter narrativo presentativo das “pinturas de toá”, seja uma teoria expressa de outros modos, diferentes das referências acadêmicas, acerca da produção deste fazer.

Os estudos e as pesquisas de outras culturas têm mostrado exemplos de diferentes possibilidades de aprendizagem. Em especial, tratamos aqui, da relação com a

Cultura Xakriabá que traz uma visão muito singular de processo de aprendizagem baseado no “vadiar” ou na “vadiagem” de quem experimenta aprender.

A palavra “vadiar” vem do Latim *vagativum*: “aquele que perambula sem destino”, de *vagare*, “andar sem destino”. Como bem nos aponta o quilombola Antônio Bispo, em suas vindas à universidade no contexto das atividades da Formação Transversal em Saberes Tradicionais, estamos numa guerra em que a cultura hegemônica patriarcal tenta exterminar as outras culturas. Dentro desta existe a guerra das linguagens e das narrativas em que a palavra “vadiar” tem seu sentido deturpado e negativado, logicamente em prol de uma cultura capitalista e produtivista. Aprendemos com os Xakriabá a valorizar o sentido do “brincar” no aprendizado, de um fazer sem propósito ou intenção, de fluir no momento presente e de ter prazer.

### **3 Uma experiência singular do aprender com as Mestras e Mestres Xakriabá**

Durante a oficina ofertada em Território Xakriabá via Formação Transversal em Saberes Tradicionais e o processo de trabalho realizado pelo Programa de Pesquisa e Extensão Morar Indígena nos anos de 2022/23, as estudantes de graduação em Arquitetura e bolsistas do projeto de Extensão e Pesquisa, Maria Clara e Thaís, puderam experimentar tal modo de aprender com o “silêncio” e na pedagogia da “vadiagem” praticadas por esse povo. Elas apresentam aqui um relato crítico acerca desse processo experimentado durante as práticas e visitas ao território.

#### **3.1 “Ensinar sem ensinar”<sup>4</sup>**

As práticas construtivas tradicionais Xakriabá são um trabalho coletivo que envolve toda a comunidade, desde os mestres e mestras até as crianças e os jovens. Esse processo de transmissão/troca de conhecimentos e de aprendizado muitas vezes ocorre de forma silenciosa, ou seja, não é necessário verbalizar os saberes ali envolvidos, basta se aproximar, observar e participar. Nesse sentido, o “ensinar sem ensinar”, conforme afirmado por Nei Leite Xakriabá, ceramista e professor de cultura da escola Xukurank, demonstra as diferentes formas que o povo Xakriabá tem de transmitir conhecimentos, em que as crianças aprendem observando e se aproximando das pessoas mais velhas. Assim, elas aprendem brincando e “vadiando” (XAKRIABÁ, 2023, p.268).

---

<sup>4</sup> Relato crítico da experiência vivida pela Thaís.

A brincadeira e a “vadiagem” demonstram uma forma Xakriabá de aprendizado diferente da qual estamos acostumadas a presenciar no contexto acadêmico. Um processo que na maioria das vezes se dá dentro da instituição de ensino por meio da fala e, em muitos casos, não há espaço para a observação e a experimentação, diferente do que vivenciei na Terra Indígena Xakriabá (TIX). Nesse sentido, a forma de aprender na TIX demonstra uma tentativa de inverter essa lógica, tanto a partir da luta por uma escola indígena diferenciada<sup>5</sup> que seja realmente alinhada às práticas da comunidade, quanto pelo contato e aprendizagem com os mestres e mestras. Diante disso, Célia Xakriabá afirma que:

“Nossa comunidade, a partir de 1996, deixou de se adequar à escola e um movimento inverso foi iniciado: a escola passou a interagir com as experiências vivenciadas pela comunidade. Não foi a escola que chegou primeiro, a comunidade já existia antes da escola. A escola passou a respeitar a cultura local, estabelecendo interlocuções com os modos de viver e fazer do povo Xakriabá.” (XAKRIABÁ, 2023, p.329)

Durante as três viagens realizadas pelo grupo de extensão Morar Indígena ao Território Xakriabá em 2023, pude aprender sobre a construção, o território, a culinária e as histórias a partir do olhar, do tocar e do sentir. Esse aprendizado se dá entre diferentes gerações, onde os mestres e mestras são propagadores de um saber tradicional, eles e elas não realizam os trabalhos sozinhos, permitindo que os conhecimentos sejam trocados com os mais novos de forma conjunta e participativa.

O território Xakriabá é marcado por diferenças em sua paisagem, seja pelo tipo de vegetação ou pela cor da terra, por exemplo, o que fica evidente inclusive nas diferentes aldeias. O Barreiro Preto, por exemplo, tem esse nome por apresentar um barro de cor roxo escura, já a Caatinginha por apresentar vegetação típica da Caatinga. Diante disso, a partir da observação e das caminhadas, é possível entender o território e as relações entre seres humanos e não humanos, o caminho das águas, as plantas, os animais, os quintais, o relevo, a diferença entre a caatinga e o cerrado.

---

<sup>5</sup> O Programa de Implantação das Escolas Indígenas em Minas (PIEI) foi iniciado em 1995, resultado de uma parceria entre Secretaria Estadual de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e o Instituto Estadual de Floresta (IEF). Desde então existe a luta das lideranças e da população para que a escola tenha seus próprios modos próprios de ensino e aprendizagem, conforme relatado por Nei Xakriabá (XAKRIABÁ, 2023, p.268).

Durante as viagens realizadas em março e julho de 2023 foi proposta a realização de mapeamentos das aldeias Barreiro Preto e Sumaré I, contando com a participação de estudantes e moradores das aldeias. Essas oficinas tiveram o objetivo de incitar o olhar sobre o território a partir dos mapas e, assim, perceber, de uma outra forma, as relações ali estabelecidas. Além disso, esse processo foi importante para que nós, enquanto grupo de pesquisa, pudéssemos entender o local em que estamos trabalhando e, assim, considerar aspectos importantes da vida cotidiana nos futuros espaços coletivos que serão construídos entre as duas aldeias.

A partir desse processo foi possível perceber a influência do caminho das águas nas edificações; os animais que habitam o território; as plantas de beleza, medicinais e aquelas que atraem as abelhas e outros insetos, além de observar a variedade dos quintais e sua relação não só com a casa, mas também com o entorno. Diante disso, percebe-se que o território oferece diversas possibilidades de aprendizado, o que expande o conceito de escola como local físico para um conceito mais amplo e atrelado a territorialidade, conforme ressalta Célia Xakriabá:

Se alguém me perguntar onde fica a escola Xakriabá, eu posso muito bem responder que é até onde sua vista enxergar, com a convicção de que mesmo onde meus olhos não alcançam estará a nossa escola. (XAKRIABÁ, 2023, p.329)

No território Xakriabá há uma forte presença das construções com terra, sendo que as mestras da construção, como dona Etelvina e dona Dalzira, nos ensinam e trocam conosco os saberes envolvidos na construção das casas de “enchimento” (pau-a-pique) e de adobe. Em outubro de 2023 tive a oportunidade de, durante cinco dias, aprender sobre os tempos do barro, da água, da terra, das plantas, do broto e dos animais. Nesse processo, pude entender, a partir da construção de uma parede de enchimento na Casa do Forno<sup>6</sup> - equipamento comunitário da aldeia Barreiro Preto que tem o intuito de abrigar práticas tradicionais que o espaço escolar não é capaz de comportar - que a retirada do barro e a coleta do “croatá” envolvem etapas que são influenciadas pela lua e pela água. Nesse sentido, se a coleta do barro for feita no tempo errado ele pode ficar mais fraco já que a terra está brotando, como nos ensinou Nei Xakriabá. O “croatá”, planta cuja fibra retirada das folhas pode ser utilizada para fazer as amarrações do

---

<sup>6</sup> A construção da Casa do Forno foi iniciada em outubro de 2022 durante a disciplina UNI 050 – Artes e Ofícios – Arquitetura, cerâmica e culinária Xakriabá – Saberes Tradicionais da UFMG.



“envaramento” da parede de “enchimento”, por sua vez, é muito influenciado pela lua, o que vai determinar sua resistência e durabilidade das amarrações.

Durante essa oficina pude perceber a importância de respeitar o tempo da natureza para a realização das construções, tempo este que muitas vezes se difere do tempo da cidade, do trabalho e das obrigações das pessoas. O “croatá” que coletamos não pôde ser utilizado para a amarração dos “envaramentos” por estar muito fraco, o que, conforme dona Etelvina, ocorreu porque este não foi colhido na lua certa. Diante disso, a solução encontrada foi adaptar a técnica tradicional a partir da utilização de materiais contemporâneos, de forma que as varetas de bambu foram amarradas com arames e não com o “croatá”. Nesse sentido, essa situação demonstra uma possibilidade de adaptação da técnica, mas ressalta a importância de se respeitar os tempos das plantas e de aprender com os mais velhos, chamados de “livros vivos” (XAKRIABÁ, 2023, p.266) a fim de repassar o conhecimento de geração em geração, sem que a técnica tradicional seja perdida e os saberes ancestrais sejam esquecidos.

Outro aspecto importante é o fato de que essa oficina contou com a participação de diferentes faixas etárias e com pessoas de diferentes aldeias, além de estudantes e professores da UFMG, o que contribui tanto para que esses saberes não sejam esquecidos quanto para as práticas de retomada das construções tradicionais.



Figura 3: Fibra do “croatá” retirada durante a oficina de outubro de 2023. Fonte: Programa de Extensão Morar Indígena



Figura 4: Envaramento com madeira e bambu, cujas amarrações foram feitas com arame  
Fonte: Programa de Extensão Morar Indígena

Ainda durante as oficinas de outubro de 2023 foi realizada a pintura de “toá” em uma parede de enchimento da Casa do Forno. O “toá” é um pigmento extraído a partir de rochas encontradas principalmente em encostas, sendo que pode apresentar diferentes cores, como branco, amarelo, marrom, vermelho e, também, verde, quando misturado com folhas. Edmar Bizerra explica em seu trabalho de percurso da Formação Intercultural de Educadores Indígenas o processo para a realização da “pintura de toá”:

Quando se finaliza todo o processo de enchimento, rebolque e cobertura, é hora de dar o toque final da casa que é a parte da pintura e decoração. Essas pinturas são muito utilizadas em nossas aldeias e ficam sobre o cuidado das mulheres. São feitas com um tipo de barro que se chama tabatinga nas cores brancas, azul claro, marrom e por último o “toá”, que são encontrados em cores brancas, vermelhas, amarelo, marrom, e rosas. As formas das pinturas e a escolha das cores ficam a critério das famílias que está construindo sua casa, porém as cores mais utilizadas são os tons mais brancos, pois eles dão um clareamento na casa. O barro mais encontrado em nossa região é o barro tabatinga que é encontrado nas encostas de tabuleiro, uma vegetação muito comum em nosso território. (BIZERRA, 2018, p. 47)

Durante esses cinco dias que estive no território Xakriabá em outubro de 2023, foi possível aprender com D. Dalzira o processo para a “pintura de toá”, desde a preparação da parede até a mistura dos pigmentos com a água para criar a tinta. Percebi, a partir da observação, que não existe uma regra para preparar a mistura de “toá” com água, de forma que ao passar a mistura na parede pode-se sentir se falta água, ou se a tinta está muito líquida. Dessa forma, foi a partir de uma aproximação silenciosa que

pude pela primeira vez pintar com o “toá” e aprender sobre esse processo que normalmente é feito pelas mulheres, mas que nesse caso contou também com o envolvimento de estudantes e professores.



Figura 5: Pintura de toá na Casa do Forno  
Fonte: Programa de Extensão Morar Indígena

Um aspecto importante das práticas construtivas com terra na TIX é a necessidade de se refazer de tempos em tempos, tanto as “pinturas de toá” quanto a parede de “enchimento”. O resultado disso é um envolvimento da comunidade e uma transmissão de conhecimentos entre diferentes gerações e famílias, permitindo que os mais novos possam aprender com os mais velhos. Essa importância do (re)fazer a casa é ressaltada por D. Libertina durante a construção da Casa Xakriabá na UFMG, quando um aluno perguntou se não seria positivo desenvolver tecnologias para que as casas durassem mais.

Não, meu filho, essa proposta sua é muito perigosa, porque a casa, ela precisa se desfazer entre quatro e seis anos para que eu possa continuar ensinando para meus filhos e para meus netos! Se a casa durar a vida toda, coloca em risco o ensinamento, a transmissão deste conhecimento. (XAKRIABÁ, 2023, p.324)

E é assim que os mestres e mestras nos ensinam a importância da troca de saberes como uma forma de manutenção das práticas locais. O trabalho coletivo e silencioso resalta uma forma Xakriabá de ensinar pautada na observação, abrindo caminho para que diferentes gerações possam fazer parte desse processo de aprender em comunhão com os mais velhos. Assim, as práticas de retomada de fazeres tradicionais

nos permitem aprender sobre o passado, o presente, a memória, a tradição e a ancestralidade compartilhada entre humanos, animais, a água e a terra.

### 3.2 “Nem tudo que se vê se fala”<sup>7</sup>

Entre os dias 31 de outubro e 06 de novembro de 2022, durante o tempo das águas nas Terras Xakriabá, o programa Morar Indígena realizou uma disciplina pela Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG, que consistiu na troca de saberes entre mestres e mestras, e alunos de diversos cursos e escolaridades, na TIX<sup>8</sup>.

Como proposta específica para a semana, articulado com as lideranças, mestres e mestras Xakriabá, foram divididos cinco eixos de trabalho: construção do forno de queimar cerâmica, construção da “casa do Forno” com técnicas tradicionais, culinária tradicional, reconhecimento do território e documentação/registo dos processos. Nei Leite, ceramista, conduziu as atividades da construção do forno, Dona Etelvina trabalhou conosco a construção das paredes de enchimento, na cozinha, Domingas, Senhorinha e outras mestras, com ajuda dos alunos, fizeram as refeições durante toda a semana, Seu Nico, por sua vez, nos guiou até as áreas de retomada territorial e as lavouras e, na documentação, Edgar Kanaykõ ficou responsável por registrar, junto aos alunos, as atividades que estavam acontecendo.



Figura 6: Mestre Nei e estudantes trabalhando na Casa do Forno  
Fonte: Edgar Kanaykõ

<sup>7</sup> Relato crítico da experiência vivida pela Maria Clara.

<sup>8</sup> UNI 050 – Artes e Ofícios – Arquitetura, cerâmica e culinária Xakriabá aconteceu na Terra Indígena Xakriabá entre os dias 31/10/2022 e 06/11/2022 e contou com a participação de estudantes da graduação de diferentes cursos, pesquisadores e estudantes da Formação Intercultural de Educadores Indígenas (FIEI).

Para falar sobre o silêncio, o livro “Nem tudo que se vê se fala” retoma muitas das memórias do que venho aprendendo com o povo Xakriabá. Ele propõe a escrita de diversos saberes, dentre os que podem ser ditos, através de entrevistas com os mais velhos, com o intuito de fortalecer as tradições Xakriabá entre os próprios indígenas, principalmente os mais novos. Estes saberes são guiados por três palavras que não existem separadas: a ciência, que é a regra, o jeito de fazer um ritual ou alguma atividade, com cautela, a crença, que diz respeito a acreditar nos costumes, sejam eles materiais ou imateriais, e a sabedoria, que é algo que a pessoa já nasce, transpassando o que pode ser aprendido na família ou na escola, aquilo que é guardado na memória (ARAÚJO, 2013).

Estes ensinamentos não podem ser aprendidos apenas em uma leitura, pois eles existem no cotidiano, entre os fazeres, no silêncio, com o tempo de aprendizado para cada um. O que não é dito tem grande relevância, porque ele também é uma resposta, inclusive no livro. Esta é uma forma de vivência que a lógica da cidade suprime, e que tem grande impacto nas trocas entre a formação universitária e a aldeia.



Figura 7: Seu Nico e professora Leta conversando debaixo de um pequizeiro, na área de retomada territorial da TIX.

Fonte: Programa de Extensão Morar Indígena

E o que é o silêncio para os Xakriabá? O silêncio é comunicação, o silêncio é aprender a fazer, o silêncio não é ausência. Ele pode ser preenchido pela cantoria, pela fofoca, pelo fazer, e é acompanhado de muita observação e cuidado com o outro. Na

preparação do barro para fazer a parede de enchimento, você pisa no barro com outras pessoas, dançando em círculo. Depois joga um pouco de areia, e continua pisando para fazer a argamassa. Enquanto isso, Nei e outros ajudantes, com uma enxada, puxam o barro acompanhando o movimento das pessoas. Enquanto isso, você canta, conversa, e um grupo acompanha com instrumentos musicais:

“Gavião da pena preta  
ele pisa e gira no ar  
o piar do seu canto é bonito  
para o povo Xakriabá  
Piena hê, hê, hê,piena hê  
Piena hê, hê, hê, piena há” (ABREU, 2016, pág. 40)



Figura 8: Jusney, Marcos e Maria Clara tocando instrumentos enquanto era realizada a construção da Casa do Forno e o forno de queimar cerâmica. Fonte: Programa de Extensão Morar Indígena

Aprendemos fazendo, não existe uma aula prévia preparatória com Dona Etelvina e Nei sobre a forma correta de construir. Como diz Nego Bispo, “[...] brincávamos de ser adultos, de fazer o que os adultos faziam. E assim aprendemos a fazer tudo.” As instruções são dadas na hora, mais gestuais que sonoras. O barro era, em seguida, passado de mão em mão até chegar na parede de enchimento. Quem se aproximava podia participar do processo de construção. Lembro de Nei muito

conversador, brincando com todo mundo, enquanto Dona Etelvina estava sempre presente, na maior parte do tempo em silêncio.



Figura 9: Dona Etelvina retirando “toá”  
Fonte: Programa de Extensão Morar Indígena



Figura 10: Dona Etelvina e alunos passando o barro até chegar na  
“parede de enchimento”  
Fonte: Edgar Kanaykô

Em um episódio durante a semana de trocas, após intensas chuvas, ficamos discutindo sobre a melhor maneira de trabalhar na Casa do Forno, porque estávamos

afundando muito no barro. Enquanto falávamos entre si, Nei e Dona Etelvina estavam calados. Decidimos jogar vários carrinhos de mão com entulho de obra no barro, para tentar criar uma base mais estável. Foi um dia de muita chuva e tentativas de contornar esta situação, em vez de trabalhar a favor dela.

No dia seguinte estávamos pisando no barro, ainda afundando, e machucando os pés no entulho. Foi uma sensação muito frustrante, porque perdemos tempo por não ter silenciado e prestado atenção nos mestres. Nei confirmou que fora uma solução ruim mas, ao contrário da nossa ideia de ter perdido tempo, ele falou que foi um aprendizado, e estávamos tão empolgados tentando resolver a situação, mesmo que do nosso jeito, que ele preferiu não interferir.

Como diz Célia Xakriabá (2020), no ensaio *Amansar o giz*, publicado pelo *Piseagrama*, “a intelectualidade indígena não está apenas na elaboração do pensamento que acontece na cabeça. Está na elaboração do conhecimento produzido a partir das mãos, das práticas e de todo o corpo.” Ficamos tão absortos em tentar resolver esta situação, buscando e debatendo soluções da cidade, que acabamos ignorando a vivência dos mestres e pessoas do território ali presentes.



Figura 11: Grupo de estudantes trabalhando na parede de enchimento e forno  
Fonte: Edgar Kanaykõ

Apesar deste episódio, a construção do forno de queimar cerâmica e das paredes de enchimento continuou, e seu Hilário, referência na aldeia, construiu uma ponte com tábuas de madeira e folhas para contornar nossa situação.



Até o final da semana, estávamos planejando finalizar o forno e as paredes à sua volta, para proteger de intempéries. As águas, por sua vez, mudaram nossos planos. Entretanto, não finalizar foi importante para a continuidade das atividades com os alunos da aldeia, que acabaram recuando em meio a tantas pessoas de fora. Todo o processo de retomada das práticas tradicionais que vêm acontecendo na TIX envolve, principalmente, o engajamento dessa juventude para a continuidade.



Figura 12 Casa do forno em processo de construção  
Fonte: Programa de Extensão Morar Indígena

No ano seguinte retornamos ao território Xakriabá, desta vez eu estava como bolsista do programa Morar Indígena. Viajamos novamente durante uma semana, com uma programação intensa de reuniões e atividades com alunos das escolas do Barreiro Preto e Sumaré I, envolvendo mapeamentos em cada aldeia, conforme foi explicado no capítulo anterior. Eu estava muito empolgada guiando os grupos nas andanças pelo território, junto com outro bolsista, Lucas. No entanto, o ritmo estava tão intenso que, com o passar dos dias, fiquei muito esgotada física e mentalmente.

Faltando pouco para voltarmos a Belo Horizonte, fui jogar futebol com os meninos e acabei machucando meu pé, me obrigando a ficar de repouso na casa de Cida, onde eu estava hospedada. Inicialmente fiquei frustrada por perder os últimos dias de atividades, mas logo senti uma calma que eu não sabia que faltava. Mesmo que inconscientemente, a lógica de trabalho ocidental e produtivista acabou sendo aplicada

em um contexto que repele este tipo de ação. Lógica que oprime o silêncio e a vadiagem.

Finalmente consegui silenciar e me conectar com o território em que eu estava. Sozinha e amansada, quando fomos à aldeia Brejo Mata Fome antes de retornar, sentei debaixo de um pé de manga. Eu me senti protegida e acolhida. “Para o povo Xakriabá, os espíritos dos mortos continuam ajudando a lutar, dando coragem e nos livrando dos perigos” (ARAÚJO, 2013). Cacique Domingos tinha nos contado que durante uma invasão de posseiros na aldeia, um de seus parentes ficou ali no pé de manga pedindo proteção a seus ancestrais para conseguir sair vivo, e ele ficou invisível aos genocidas.

## Referências

ABREU, Jan Carlos Pinheiro de. 2016. **Cantos Tradicionais do Povo Xakriabá: a cultura a favor do povo.** Belo Horizonte

ANDRADE, R. C. 2019. **Resistências semiáridas: sobre a produção e circulação de conhecimentos pela rede sociotécnica do milho, estiagem e os indígenas Xakriabá do Norte de Minas Gerais.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Belo Horizonte: UFMG.

ARAÚJO, Anide. POVO XAKRIABÁ. 2013. **Nem tudo que se vê se fala: ciência, crença e sabedoria Xakriabá.** Belo Horizonte: Literaterras.

BIZERRA, Edmar Gonçalves. **Moradias Tradicionais Xakriabá.** 2018. 64 f. TCC (Graduação) - Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

GOMES, Ana Maria R.; MONTE-MOR, R. L. 2020. Duas décadas de pesquisa com os Xakriabá do norte de Minas. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 747-769, doi: <https://doi.org/10.1590/0103-6351/6509>

LANGER, Susanne. 1980. **Sentimento e forma.** São Paulo: Editora Perspectiva.

Retratos das Mestras Xakriabá. **Saberes Tradicionais: Cosmociência, Culinária e Construção Xakriabá** - <https://www.youtube.com/watch?v=R-gyBKrw0ps>

SANTOS, Ana Flávia Moreira. 1997. **Do terreno dos caboclos do Sr. São João à Terra Indígena Xacriabá: as circunstâncias da Formação de um povo. Um estudo sobre a construção social de fronteiras.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília.

SANTOS, Antônio Bispo. 2023. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu

VENTURA, Juliana. 2022. **A guerra dos 18 anos**: uma perspectiva Xakriabá sobre a ditadura e outros fins de mundo. Belo Horizonte: Fino Traço.

XAKRIABÁ, Célia. 2020. Amansar o giz. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 14, página 110 - 117.

XAKRIABÁ, Célia; XAKRIABÁ, Nei Leite. et al. 2023. **Terra**: antologia afro-indígena. São Paulo/ Belo Horizonte: Ubu Editora/ PISEAGRAMA. p. 263 - 274; p. 319 - 330.